

## AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSE SATIKO NO CAMPO DA ANTROPOLOGIA DA IMAGEM E DO SOM NO BRASIL

ESTEFANI BILHALVA LEITZKE<sup>1</sup>; LARISSA MATTOS FONSECA<sup>2</sup>; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – UFPel – [estefanileitzke@gmail.com](mailto:estefanileitzke@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – UFPel – [fonseca\\_larissa@hotmail.com](mailto:fonseca_larissa@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – UFPel – [riethuf@uol.com.br](mailto:riethuf@uol.com.br)

### INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi desenvolvido para a finalização da disciplina “Teoria Antropológica IV”, no segundo semestre de 2016, obrigatória aos graduandos do Bacharelado em Antropologia do terceiro semestre. Com base nos estudos do desenvolvimento e consolidação da Antropologia brasileira, buscamos contextualizar e ressaltar as contribuições do trabalho da antropóloga brasileira Rose Satiko Gitirana Hikiji, a partir de suas três linhas de pesquisa, a Antropologia da Imagem e do Som, Etnomusicologia e Antropologia da Performance. Antropologia brasileira é entendida aqui a partir do esquema de Roberto Cardoso de Oliveira, o qual propõe o desenvolvimento da mesma, em três períodos; Heróico (1920-1930), Carismático (1940-1950) e Burocrático (1960-Atualmente). Situamos a autora em questão no período Burocrático, que corresponde ao momento em que a prática antropológica se institucionaliza na academia por meio de cursos de pós-graduação.

Rose Satiko Gitirana Hikiji, ou Rose Satiko, como é mais conhecida, é professora do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). É coordenadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA) USP. Também é coordenadora do Pesquisas em Antropologia Musical (PAM), vice-coordenadora do Grupo de Antropologia Visual (GRAVI) e pesquisadora do Núcleo de Antropologia da Performance e do Drama (NAPEDRA). É graduada em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) (1989-1992), graduada também em Ciências Sociais (1989-1995) pela USP, tem seu mestrado (1996-1999), doutorado (1999-2004) e pós doutorado (2004-2005) na área de Antropologia Social, todos pela USP. Trabalha com os seguintes temas: cinema e violência, música em projetos de intervenção para a infância e juventude, filme etnográfico, produção audiovisual e artística na periferia.

### METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado, conforme a prática desenvolvida ao longo da disciplina, busca situar os autores em linhagens acadêmicas, evidenciando sua trajetória acadêmica, o meio acadêmico durante o período em que realizou suas pesquisas e suas obras. Para a realização deste trabalho foi realizada revisão bibliográfica de um livro (Imagem-Violência – Etnografia de um cinema provocador – 2012) e um artigo (Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação da antropóloga – 2005). Utilizamos as plataformas de pesquisa online Scielo e Google Acadêmico, assim como a consulta no currículo lattes da autora.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Antropologia Visual

Em seu livro intitulado “Imagem-violência<sup>1</sup>: Etnografia de um cinema provocador”, Rose debruça-se sobre uma “antropologia líquida”<sup>2</sup>, que representa um refinamento no método antropológico e que visa compreender a fluidez dos objetos imagéticos. A autora divide a obra em três capítulos. No primeiro, intitulado, “Antropologia e Cinema”, propõe-se a analisar a relação entre a Antropologia e Cinema e pensar a constituição da análise fílmica como campo na pesquisa antropológica, refletindo sobre a linguagem cinematográfica. No segundo, “Cinema, sociedade, contemporaneidade”, analisa as abordagens e metodologias das ciências humanas e suas diversas visões sobre a relação entre cinema e sociedade. O terceiro capítulo, “Etnografias fílmicas, violência, linguagem e significado”, trata das formas em que a mídia dos anos 1990 narra e conceitua a violência. “Cães de Aluguel” (Reservoir Dogs, Quentin Tarantino, EUA, 1992), “Pulp Fiction – Tempo de Violência” (Pulp Fiction, Quentin Tarantino, EUA, 1994) e “A estrada perdida” (Lost Highway, David Lynch, EUA, 1997) são os principais filmes<sup>3</sup> analisados por Rose Satiko neste capítulo. A escolha se deu pela centralidade da violência utilizada como forma de linguagem. A autora apresenta a sinopse e descrição das cenas dos filmes mencionados, identificando a especificidade de cada obra e sua comunicação com a violência. O texto apresentado em “Imagem-violência” é resultado de uma revisão de sua primeira versão, a dissertação de mestrado de Satiko defendida em 1999. Foi a primeira pesquisa de mestrado em Antropologia Visual a ser defendida na USP. Em meados dos anos 1990, a Antropologia Visual começa a tomar corpo na USP. Sylvia Caiuby Novaes<sup>4</sup>, fundadora do LISA, coordenadora do GRAVI e orientadora de Satiko no mestrado e doutorado, acompanhou essas pesquisas desde o princípio. Nesses treze anos (tempo entre a defesa de dissertação e a publicação do livro), o campo da antropologia visual no Brasil expandiu-se. Antes da dissertação, a análise antropológica de filmes era inexistente no país, e sua divulgação motivou trabalhos posteriormente feitos por seus colegas do GRAVI.

### Antropologia Da Performance E Etnomusicologia

Em seu artigo “Etnografia da performance musical – identidade, alteridade e transformação” (2005), Rose destaca a importância da performance como definidora da auto-imagem para crianças e jovens participantes do projeto Guri<sup>5</sup>. Para a autora, a performance tem grande relevância em projetos como este, onde um de seus objetivos é a intervenção social por meio da música. O aluno iniciado no projeto escolhe o instrumento que quer aprender e dentro de pouco tempo já toca músicas

<sup>1</sup> Esse termo se deve ao duplo caráter da representação da violência nos cinemas, percebido pela pesquisadora. A imagem que problematiza a violência (imagem da violência) é, ao mesmo tempo, uma imagem que choca o espectador, uma imagem violenta. (HIKIJ, 2012. p.104)

<sup>2</sup> Segundo o termo de Massimo Canevacci (HIKIJ, 2012)

<sup>3</sup> Além desses, outros são citados, como: “O homem elefante” (The elephant man, 1980), “Veludo Azul” (Blue Velvet, 1986), “O vídeo de Benny” (Benny’s Video, 1992), etc.

<sup>4</sup> Sylvia Caiuby Novaes é Professora Titular na área de Antropologia da Imagem na Universidade de São Paulo (2010), onde leciona desde 1974. Fundou e coordenou o LISA - Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (1990-2014). Atua na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia das Formas Expressivas, Antropologia da Imagem e Etnologia Indígena. Suas publicações tratam de temas como: antropologia visual, fotografia e cinema no mundo contemporâneo, etnografia e imagem, a sociedade Bororo. (Texto informado pelo currículo lattes da autora).

<sup>5</sup> Programa de ensino musical por meio da formação de orquestras didáticas e corais destinado principalmente a crianças e jovens de baixa renda no Estado de São Paulo.

com arranjos simplificados, para que logo esteja performando com o pólo<sup>6</sup> a qual pertence. O Guri visa que o aprendiz comece as práticas musicais logo que é inscrito e que ensaie coletivamente para evitar os efeitos do desânimo, já que os aprendizados de instrumentos de orquestra são considerados difíceis.

A performance, nesse sentido, se faz fundamental e necessária por ser “o combustível” para seus participantes, permitindo trazer visibilidade tanto a eles quanto à instituição. É na performance onde ocorrem as transformações. É o momento culminante onde coloca-se em prática todo o aprendizado adquirido coletivamente. Segundo Satiko, a performance: “É palco de um amplo jogo de espelhos, lugar de exibição de identidade e construção de auto-imagens” (HIKIJ, 2005, p. 158). Nela os participantes poderão mostrar suas habilidades para o público (incluindo sua família) e seus conhecimentos musicais. No pólo que atende internos da Febem<sup>7</sup>, a performance possibilita a representação de novos personagens no palco, que possibilita o abandono de estereótipos e estigmas que os jovens carregam. Para Satiko, “Estimulados por professores e familiares, os meninos acreditam que a apresentação musical é uma chance de mostrarem que ‘são gente’, não ‘animais, que erraram, mas estão procurando um novo caminho’, que são ‘capazes’” (HIKIJ, 2005, p.171). Rose afirma que o estudo da performance é uma das possibilidades de trabalhos em Etnomusicologia, e cita Tiago de Oliveira Pinto (2001, p.227), que descreve a etnografia da performance musical como “análise do processo musical e suas especificidades”, onde o pesquisador leva em conta os processos sociais envolvidos no fazer musical, não necessariamente os aspectos sonoros em si.

A autora utiliza-se de contribuições de Victor Turner (1982) e Richard Schechner (1988) para pensar a definição de performance. Para Schechner (*idem*), a performance é vista como uma experiência de transformação (ocorrendo tanto nos performers, quanto no público), podendo ser observada nas apresentações do Guri. Segundo Turner (*idem*), ela ocorre como a “finalização de uma experiência”, que pode se relacionar com a experiência da coletividade dentro do projeto, onde constrói-se toda uma relação de sociabilidade e fortalecimento de vínculos entre seus integrantes.

## CONCLUSÕES

Compreendemos que uma das maiores colaborações de Satiko para com a Antropologia Brasileira seja instaurar a possibilidade de diálogo entre diversos campos de conhecimento: a Antropologia da Performance, Etnomusicologia e Antropologia Audiovisual. Rose foi pioneira ao propor o filme como campo de pesquisa antropológica no Brasil, o que veio a motivar outros trabalhos posteriormente, estabelecendo conexões entre áreas do conhecimento já citadas. Destacamos aqui alguns trabalhos vistos como referencial nacional: “A Arte e a Rua: Uma experiência colaborativa audiovisual com artistas De Cidade Tiradentes” -2012,

<sup>6</sup> O projeto é dividido em vários pólos (unidades), por exemplo, o Pólo Mazzaroppi, o Pólo Febem, entre outros.

<sup>7</sup> Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM), atualmente Fundação Casa, autarquia fundacional (pessoa jurídica de direito público) criada pelo Governo do Estado de São Paulo (Brasil), vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania. Criada na década de 70, durante o período militar. Sua função é executar as medidas socioeducativas aplicadas pelo Poder Judiciário aos adolescentes autores de atos infracionais cometidos com idade de 12 a 18 anos incompletos, onde podem cumprir reclusão até no máximo a idade de 21 anos completos, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

“Lá do Leste - Uma etnografia audiovisual compartilhada” - 2013, “A música e o risco” - 2006, e “Da arte de rua à fábrica de funk: Jovens artistas periféricos em movimento” – 2016.

Ao mesmo tempo em que Rose está interessada sobre análise fílmica antropológica (Imagem-Violência – Etnografia de um cinema provocador), ela propõe uma ponte entre o campo da Antropologia Visual com o da Comunicação (a autora discutirá o papel da mídia dos anos 1990), assim como quando trabalha com performance musical (etnografia da performance musical dentro do projeto Guri), estabelece ligação com a Etnomusicologia, levando em consideração os processos sociais do fazer musical.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HIKIJ, R. S. G. Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre , v. 11, n. 24, p. 155-184, 2005 .

HIKIJ, R. S. G. **Imagem Violência: etnografia de um cinema provocador**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Música para matar o tempo intervalo, suspensão e imersão. **Mana**, v. 12, n.1, p.151-178, 2006.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana; Caffé, C. . A arte e a rua: uma experiência colaborativa audiovisual com artistas de cidade Tiradentes. **Revista de Cultura e Extensão**, v. 7, p.41-51, 2012.

Hikiji, Rose Satiko Gitirana; Caffé, C. . **Lá do Leste - Uma etnografia audiovisual compartilhada**. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2013. v. 1. 64p .

HIKIJ, R. S. G.. **A música e o risco**. 1. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2006. v. 01. 256p .

HIKIJ, R. S. G.. Da arte de rua à fábrica de funk: Jovens artistas periféricos em movimento. In: Mattos, H.. (Org.). **História oral e comunidade: Reparações e culturas negras**. 1ed.São Paulo: Letra e Voz, 2016, v. 1, p. 139-153.

PINTO, T. O.Som e música: questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**, v. 44, n. 1, p. 221-286, 2001.

SCHECHNER, R. **Performance theory**. New York: Routledge, 1988.

TURNER, V. **From ritual to Theatre: the human seriousness of play**. New York: PAJ Publications, 1982

VERGARA,C. O compartilhamento da violência na etnografia fílmica de Rose Hikiji. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 226-235, 2014